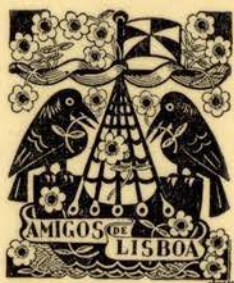


OLISIPO

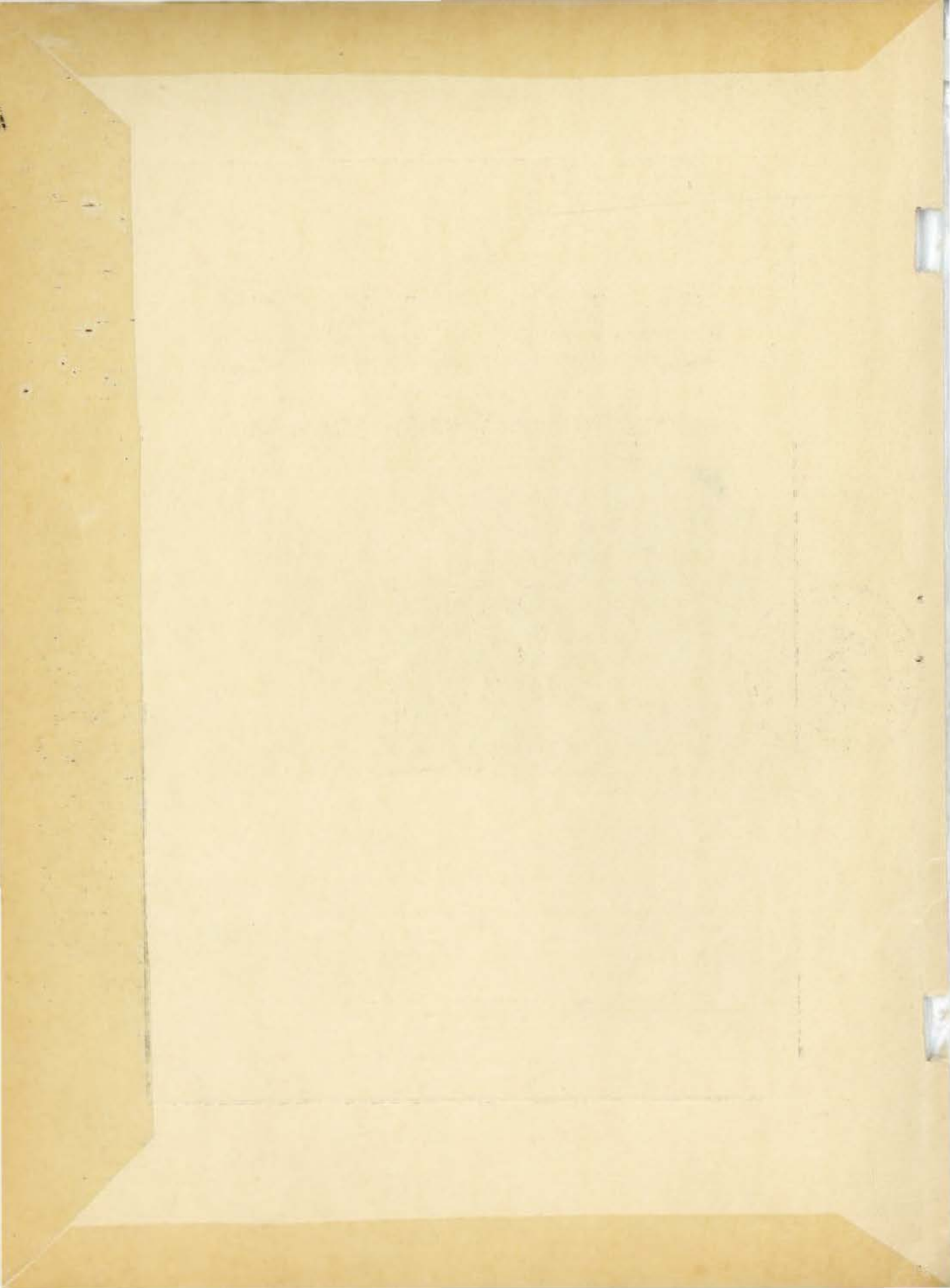
BOLETIM DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»



ANO III

N.º 12

OUTUBRO - 1940



O L I S I P O

BOLETIM DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»

DIRECTOR: GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA, VICE-PRESIDENTE DA DIRECÇÃO

EDITOR: DR. EDUARDO NEVES, DIRECTOR-TESOUREIRO

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»

SEDE: RUA GARRETT, 62, 2.º — TELEFONE 2 5711

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA LIBANIO DA SILVA — TRAVESSA DO FALA-SÓ, 24 — LISBOA

SUMÁRIO

- PALESTRA PROFERIDA NO DIA 29 DE OUTUBRO DE 1939
NA BASÍLICA DOS MÁRTIRES COMEMORANDO O 792.º
ANIVERSÁRIO DA TOMADA DE LISBOA

por *Eduardo Neves*

- PAVILHÃO DE LISBOA, NA EXPOSIÇÃO DO MUNDO
PORTUGUÊS

- NOTÍCIAS E REGISTOS CURIOSOS EXTRAÍDOS DOS
LIVROS PAROQUIAIS DA FREGUESIA DA SÉ (*conclusão*)

por *Luíz Pastor de Macedo*

- *VERSOS*

«RECANTOS DE LISBOA» — «LISBOA PEQUENINA»

por *Rodrigo de Melo*

- LISTA DOS SÓCIOS ULTIMAMENTE APROVADOS

Todos os artigos são da exclusiva responsabilidade dos seus autores

ÊSTE BOLETIM É ENVIADO GRATUITAMENTE A TODOS OS SÓCIOS



PALESTRA PROFERIDA NO DIA 29 DE OUTUBRO DE 1939 NA BASÍLICA DOS MÁRTIRES COMEMORANDO O 792.^o ANIVERSÁRIO DA TOMADA DE LISBOA

PELO DR. EDUARDO NEVES

Não tem ficado indiferente aos «Amigos de Lisboa» a comemoração da Conquista da Cidade. Nem o podia ficar. Solenizam-na hoje na primeira e mais antiga freguesia de Lisboa que, é até, a sua própria freguesia, pois a nossa séde é ali defronte.

É hoje de índole diversa a nossa romagem. De costume descritiva, hoje é sobretudo evocativa, como a realizada há anos, na capela de S. Crispim, ao Caldas, e que teve como panegerista Mestre Sequeira, como no Castelo ouvimos outro ano Mestre Vieira da Silva.

Já êste ano a evocação da tomada de Lisboa, andou por bôca de mestre, ouvimos no passado dia 25 na Câmara Municipal o nosso ilustre consócio, o académico Dr. Alfredo da Cunha.

Não porque se acabassem entre nós os mestres, tantos de V. Ex.^{as} o são, hoje porém é um discípulo que fala.

No meu critério estou em crêr e julgo que não será boa a lição, porque já é mau o discípulo.

V. Ex.^{as} o dirão, se tiverem a piedade e paciência de o ouvir até ao fim.

Como antelóquio devido, há que agradecer ao digno e reverendo prior, o Ex.^{mo} Snr. Cónego Joaquim Alberto a sua anuência e autorização para a visita e a sua presença para todos decerto, mas para mim sobretudo tão grata.

* * *

«*Ecce filius tuus*».

Assim começou, em sermão que corre impresso, aos 13 de maio de 1887, nesta mesma igreja, o reverendo padre Francisco Antonio da

Costa, prior de Aldeia Galega do Ribatejo, hoje crismada em Montijo, quando pela segunda vez aqui veio prègar na festa do orago desta freguesia.

E assim é, — Filhos Teus — nós os lisboetas que vimos sempre ligado ao nome da nossa terra o da evocação de Nossa Senhora, já então padroeira dos que aqui ficaram, como depois o havia de ser de Portugal inteiro na evocação da Imaculada Conceição.

Quando na época da Conquista, acamparam nos plainos do Monte Fragoso os cruzados, trazidos pelo bispo do Porto Pedro Pitões, foi sob a égide de Nossa Senhora, que se acolheram e que depois deixaram em Campo Santo especial os seus mortos gloriosos.

Esta basílica rica de architectura, recheio e privilégios, riquíssima de evocação, veio até nós desde 1784, data da sua última reabertura neste local, porque a primitiva ermida da mesma evocação datava de 1147 e era lá abaixo junto à Biblioteca.

De lá até hoje, vicissitudes, tragédias, e dôres, mas sempre pertinacia e fé.

Cai agora, submerge-se depois com os cataclismos do tempo e da fortuna, mas ressurgue sempre, mais forte, mais bela, mais rica de prerogativas e evocação.

Estamos na ante visão da conquista, e vem a história, sabida de todos, contar-nos todo o feito heróico que teve o seu epílogo no dia de S. Crispim e S. Crispiniano, aos 25 de Outubro de há 792 anos.

Como era Lisboa então! Neste descampado, ali atraz, no Monte Fragoso sobranceiro ao Tejo — desembarcaram Sahério e Herveu e nas suas tendas se acoitaram.

Passam os dias, veem mais soldados e mais chefes e porque, nas pelejas e lutas vão morrendo; há que erigir-lhe cimitério, e porque os que morrem na defeza da Fé, batalhando pela Cruz, por ela se sacrificam, os apelidam de MÁRTIRES e para capela adrede erigida para a sua volta se enterrarem os mortos se transportou uma imagem de Nossa Senhora vinda de bordo, que por essa evocação — MÁRTIRES — se ficou chamando, perdurando a mesma imagem até ao terramoto.

Após ter lançado a primeira pedra para o convento de São Vicente de Fóra o nosso primeiro Rei segundo voto que ao arcebispo de Braga D. João Peculiar, seu companheiro, tinha revelado, e então já acompa-

nhado pelo novel bispo de Lisboa D. Guálberto, inglez de origem e um dos cruzados, veio aqui lançar também o início da futura igreja que havia de mais tarde ficar, mística, como então se dizia, com a igreja de S. Francisco onde hoje é a Biblioteca Pública e a Escola de Belas Artes.

Foi nessa primeira ermida que após a tomada de Lisboa se realizaram os primeiros batismos cristãos como o rememorou uma lápide junto à pia batismal e hoje uma inscrição nas grades da respectiva capela desta basílica.

Foi a primeira igreja católica da cidade e a sua primeira paróquia, então muito extensa, pois abrangia entre as suas cinco balisas uma área enorme. Começava no Postigo do Carmo ia até às Portas de S. Antão, subia a S. José e pela Anunciada ia à Cotovia, Santa Izabel e S. João dos Bemcasados, descendo pelas trinas à Ribeira de Alcantara vinha ao Cata-que-farás e subia às Portas de Santa Catarina e d'aí ao Carmo d'onde partimos. Isto em 1476, depois dela se foram desmembrando várias porções para numerosas freguesias da cidade, em parte Santa Justa, São Nicolau, Santos e Loreto, Encarnação, Chagas, Santa Catarina, São Julião, São Paulo e Sacramento.

Assim o relata Frei Apolinário da Conceição na sua «Demonstração histórica de 1750».

Hoje volta a andar-lhe anexa, a área da minha freguesia natal, S. Julião. Uma restituição a longo praso!

Na sua área nasceram vários vultos eminentes, quero porém referir dois, em Maio de 1514 D. Frei Bartolomeu dos Mártires que foi arcebispo de Braga, e nesta freguesia foi batizado, e em 22 de Outubro de 1689 Sua Magestade o Senhor D. João V.

Expoentes máximos, um da humildade, o primeiro, outro da magnificência, o segundo, ambos varões ilustres da nossa terra.

Ao que se diz, do primeiro existe aqui uma tibia, que, como reliquia, esta basílica guarda e venera em vitrine especial.

Era rico o recheio da antiga igreja, reformada e restaurada sucessivamente em 1578, 1710 e 1750 tendo andado em obras demoradamente até ao terramoto.

Era a sua decoração interior de ricos mármore e belas pinturas sendo as do tétó e as da casa do despacho de Jose Avelar Rebêlo, notável pintor muito do aprêço de D. João IV. Eram de referir 72 quadros da

vida de Cristo cujo custo em 1648 ascendeu a 1.281\$60 incluindo as molduras doiradas. . .

Era rico o recheio artístico, havendo entre outras coisas «especiosas» como as classifica Frei Apolinário, um quadro a óleo com moldura de charão vermelho com flôres de lis douradas representando o Infante Santo que, a quando da sua trasladação, em 1472, para Portugal, na área desta paróquia — pois entrou pelas portas de Santa Catarina — teve as primeiras homenagens litúrgicas da cidade, que lá lhe foram prestadas.

Nas sucessivas restaurações, referem-se vários acidentes milagrosos e muitos ex-votos pintados e de cêra lhe foram oferecidos e guardavam as suas paredes.

Refere-se, com o abono de boas autoridades na matéria, que o nosso Vate máximo — Camões — lá tendo entrado e à vista de tantas oferendas, tão várias, teria improvisado o soneto que como oração, não quero deixar de recitar hoje aqui :

*Nas cidades, nos bosques, nas florestas,
Nos vales, e nos montes, teus louvores
Sempre te cantem músicos pastores
Nas manhãs frias, nas ardentes sestras.*

*E neste Templo donde manifestas
E repartes agora teus favores,
Com salmos, hinos e com várias flôres
Sejam célebres sempre as tuas festas.*

*Êstes te ofereçam pés, — ess'outros mãos
Daquêles pendam sôbre os teus altares
Monstros do mar, de servidão prisões.*

*Que eu cuidados, enganos e afeições,
Muitos maiores monstros, e milhares
Te deixo aqui de pensamentos vãos.*

Se a memória de tudo ficou, o tremendo cataclismo sísmico tudo destruiu e esta igreja onde hoje estamos, começou neste local em 1769, tendo sido em 18 de Março de 1774, benzida a capela mór.

Foi seu architecto Reinaldo Manuel dos Santos

Teve côro diário e colegiada e tem a dignidade de basilica, a sua irmandade do Santíssimo tinha o título de Real.

A discrição do templo fa-la magistralmente Júlio de Castilho, na sua obra.

O tecto que é de Pedro Alexandrino, (1730/1810) representa o voto de D. Afonso Henriques. Os ornatos são de Ignacio de Oliveira (1695/1781).

São também de Pedro Alexandrino, tão pródigo de obras de arte nos templos de Lisboa, os quadros dos altares laterais e da capela baptismal.

Sôbre a porta principal existe um baixo relêvo de Francisco Leal Garcia (1749/1814) referindo D. Afonso Henriques rendendo graças a Nossa Senhora, acompanhado de Guilherme da Longa Espada.

Na sacristia existe um baixo relêvo em jaspe, que dizem da primitiva, com assunto idêntico, tendo as imagens corôas de prata.

Estão no templo restos dos esqueletos dos MÁRTIRES conquistadores da cidade, trazidos para aqui do cemitério de então. Teem tradição, merecem respeito, não é mero culto de ossos, porque além do simbolismo, teem história.

Entre o recheio encontram-se ricos arcazes e belas imagens em madeira, sendo de referir as de S. Braz, Santo António de Lisboa vestido de menino de côro. Santa Luzia e Santa Maria Egipciaca que era da irmandade dos archeiros.

Todos os lampadários são de prata, alguns com história e inscrições interessantes.

Os altares são, a começar no baptistério e referindo os retábulos de Pedro Alexandrino: S. Braz, Santo António, Santa Cecília — advogada dos músicos que aqui fazem a sua festa, acontecimento artístico notável pela execução e pelos executantes de belas partituras sacras. A sua irmandade está aqui erecta desde 1787. É de provecta fundação pois data de 1605 no convento do Espírito Santo da Pedreira, onde hoje se veem os Grandes Armazens do Chiado, convento que o terremoto destruiu.

A antiga capela do Santíssimo tem um lanternim e é hoje consagrada ao Coração de Jesus.

No altar mor veem-se as bancadas da antiga colegiada, o trono e a imagem actual, escultura recente em madeira.

Do lado fronteiro vemos as capelas do Bom Pastor, São Miguel das Almas, Nossa Senhora da Piedade e Santa Luzia.

O coro tem um belo órgão e assenta sôbre três arcos, sôbre a entrada.

Guardam-se no templo as ossadas de Dona Beatriz de Távora e de Luiz de Moura, pais de D. Cristóvão de Moura, 1.º marquês de Castelo Rodrigo.

Teve adro com gradeamento retirado, porque apoucava a fábrica.

Possue bonitas, posto que modernas salas e alfaias de valor e algumas pinturas de interêsse, sendo as dependências do edificio, anexo ao templo, luxuosas.

Mas, não esqueçamos que é à evocação consagrada a hora que passa.

Continuemos a relembrar o antigo templo e como fizemos a êste, vendo-o, passemos o outro em espírito, respiguemos na linguagem ingénua de frei Apolinário e sabendo — quão Nossa Senhora se achava paga no seu antigo logar — os termos são de então, que até a despeito dos desejos e rogos dos frades franciscanos para lhe demolir a igreja para alargamento do seu convento, ela sugere-lhes, em sonhos e ao rei D. Manuel faz ver, a conveniência de a deixar ficar, como ficou até 1755, fazendo-se o alargamento à custa da rua que separava os dois templos.

Rememoremos-lhe o antigo templo em 1745, e bem grato lhe será, mormente hoje em que, só os milagres conseguem manter nos seus locais os monumentos, sacrificando a certa tradição de ontem à possível pobreza de amanhã.

Era de uma só nave, virada ao poente, tinha três portas e sôbre elas uma cimalha e na do meio o quadro em baixo relêvo em jaspe a que se aludiu.

Media 118 palmos de comprimento dos quais desasseis ocupados pela capela-mor e tinha de largo 62,5 palmos e de alto 34,5 palmos.

Quatro janelas de cada lado e no frontespício três e um óculo. Contando com as janelas da capela-mor eram 13 ao todo.

O tecto era de volta e foi ultimamente de estuque, feito por João Gossi, natural de Milão, e no centro tinha um quadro de Francisco Vieira — o nosso patrício — representando a tomada de Lisboa. O desenho dêsse quadro, precioso exemplar, está exposto na sacristia por amável deferência da actual irmandade.

A cúpula da torre terminava por um globo com um galo e uma cruz, tudo em bronze com o pêso de 32 arrobas e o adro tinha onze degraus para a rua, com gradeamento.

As capelas eram, além da do Santíssimo, a de S. Miguel das Almas, a primeira do lado do Evangelho, depois Menino Jesus, S. Braz, advogado dos gados, cuja capela ficava paredes meias com o convento de S. Francisco e onde sôbre a abóbada houve uma palmeira longos anos donde se tiravam as palmas para as cerimónias de domingo de Ramos; a seguir Santo António de Lisboa e do lado da epístola S. Marçal, Nossa Senhora da Graça, S. Gonçalo de Amarante, Nossa Senhora da Piedade e Santa Catarina.

Das irmandades referiremos a do Santíssimo Sacramento, a de Nossa Senhora dos Mártires e a dos Escravos de Nossa Senhora e S. Miguel das Almas, esta datando de 1668, cujo compromisso, aprovado por alvará de um ano depois, tinha uma rica iluminura em pergaminho, com o desenho do quadro em jaspe do frontespício.

A imagem, a primitiva, era de madeira, estufada, alta, de quatro a cinco palmos e parte do pé direito descoberto, posto que calçado, seu amabilíssimo rosto de côr trigueira, mas formosíssima. Sôbre o braço esquerdo o menino Jesus e no direito um rosário e primitivamente uma palma e depois um ramo de flores, assim como antes de ter cabeleira e coroa teve touca de freira. Teve ricos vestidos e preciosas jóias. Assim no-lo relata um seu cronista.

Raras vezes saía nas procissões, sendo uma, a quando da doença de D. João V, em 14 de Maio de 1742.

Nesta freguesia foram notáveis algumas procissões, desde a ingénua dos meninos do padre Inácio, com ramos de canas verdes, até à das relíquias, oferecidas para S. Roque por D. João de Borja filho do Duque de Gândia, S. Francisco de Borja e a do Corpo de Deus, que tinha privilégios especiais.

Freguesia de muita fé — recordando o início da aliança da Espada e da Cruz.

Desde D. Afonso Henriques vemos os nossos feitos de armas ligados a Nossa Senhora. Santa Maria em Alcobaça, Nossa Senhora da Vitória em Sacavém, no prólogo da conquista da cidade, aqui Nossa Senhora dos Mártires, como depois a mesma evocação na Batalha e depois ainda Nossa Senhora do Vencimento, no Carmo, entre tantas, como Nossa Senhora da Penha de França, na cidade de 1578, e por fim a Imaculada em 1640. Aqui, sempre o 13 de Maio a conservar-se até hoje na festa do orago, hipotético começo, possivelmente não confirmado do início das hostilidades para a conquista, mantem-se a data — bem sei que naturalmente por ser o dia da consagração dos Santos Mártires de Roma — e foi séculos passados o do início da maior romagem religiosa em Portugal.

Coïncidência para referir, que anoto.

A Cruz e a Espada, unidas disse, sim, pela Fé e pelo Império, aliança permanente e certa dos nossos grandes feitos na terra, no mar e no ar, então, hoje e sempre, aliança que é já símbolo, símbolo que é síntese e definição: «Portugal» e nele fiel desde os seus primórdios, Lisboa, nossa terra sempre com a sua Padroeira.

De ambas pois e com verdade :

«Ecce filius tuus».

O C I D E N T E

DIRECTORES: MANUEL MÚRIAS E ÁLVARO PINTO

Preço das assinaturas, por ano, com direito aos números especiais
Portugal, 115\$00 = Brasil, 120\$00 = Colónias
Portuguesas, 125\$00 = Estrangeiro, £ 1-8-0

RUA DO SALITRE, 155 + LISBOA + PORTUGAL

REVISTA MENSAL PORTUGUESA



PAVILHÃO DE LISBOA
NA EXPOSIÇÃO DO MUNDO PORTUGUÊS

*De que foi director erudito o sr. Norberto de Araújo,
como delegado do Grupo "AMIGOS DE LISBOA"*

NOTÍCIAS E REGISTOS CURIOSOS EXTRAÍDOS DOS LIVROS PAROQUIAIS DA FREGUESIA DA SÉ

POR LUIZ PASTOR DE MACEDO

(Conclusão)

OUVERA de vir o R.^{do} Cabido com sua crus tochas, Palio maças e capas, e o S^{to} lenho huã Reliquia ou crus de baixo do paleo, e ouverão de hir esperar o S.^{nr} Viso Rei aos degraos do teatro e levalo em prosissão pelas crastas e Igreja e as Capellas do S.^{mo} Sacram.^{to} e de São Pedro ouverão de estar abertas e . . . com a decencia devida, e assim em prosissão ouverão de levar ao S.^{nr} Viso Rei tee a Capella do S.^{mo} Sacram.^{to} e ai ditos os versos e as oracoens q̄ o Missal Romano manda em taes casos, e depois o R.^{do} Cabido o ouvera de acompanhar, não em forma de prosissão senão com os mesmos habitos tee a porta principal da Igreja.

E se ouverão de Repicar os sinos todos tanto que deserão Real Real» (1).

Nota — Os dois últimos períodos que começam: *Ouvera de vir o R.^{do} Cabido, etc.*, e *E se ouverão de Repicar os sinos etc.*, têm à margem :

(1) L.^o VI dos bap., fls. 12 a 14.

A fl. 14 — «não se fez assim» e «ouve nisto descudo não se sabe quē teve a culpa».

A fl. 14 v. outra vez — «não se fez assim» e «houve descudo não se sabe quē teve a culpa».

O alferes-mor era D. João de Meneses.

A procuração passada por Filipe III e lida por Cristóvão Soares estava redigida nestes termos :

«Dom Phillipe, etc Faço saber a todos os que esta minha carta patente de poder virem, que porquanto achando-me eu absente de meus R.^{nos} e senhorios de Portugal, em que agora succedi por falecimento del Rey meu señor e Pai, que sancta gloria haja, não posso fazer pessoalm^{te} o juramento ordinario e costumado no acto de meu levantamento, que se ha de celebrar na Seé da minha cidade de Lx^a, ei por bem e me praz de dar poder e comissão bastante, no melhor modo que de dr.^{to} se requere e ha lugar, a Dom Dioguo da Silva, Marquez d'Alanquer, Duque de franca Villa, do meu cons.^o do estado, meu Vizo Rey e capitão geral dos dittos R.^{nos}, pera que, por mim e ã meu nome, representando minha propria pessoa, possa fazer e faça no ditto acto de meu alevantam.^{to} o juramento ordin.^{rio} e costumado, na forma em que eu o ouvera de fazer se presente fora, e como o fizerão elRey meu señor, que Deos tem, quando esteve na ditta cidade de Lx.^a, e os senhores reis meus predecessores; jurando o ditto Marquez d'Alanquer em mãos do Bpo Dom Fernão M^z, Mascarenhas, do meu cons.^o do estado e inquisidor geral dos dittos R.^{nos}, de que se fara asento com test.^{as}, em que todos asinarão, pera, com esta carta de poder, se lançar na torre do tombo. E quero e mando que o ditto juramento f.^{to} pello ditto Marquez d'Alanquer. ã virtude desta ditta carta, valha e tenha força e vigor como se por mim fosse f.^{to}; e prometto e dou minha fé e palavra real, de o cumprir e guardar intr^amente. . . Dada na Villa de Madrid, aos tres dias do mes d'abril, Fran.^{co} de Lucena, do cons.^o de S. Mag.^{de} e seu secret.^{rio} do estado, a fez, anno do nascimento de Nosso señor Jhs Xpo de mil e seis centos e vinte e hum. Rey»⁽¹⁾.

(1) L.^o I de Filipe III, em *Elementos. etc.* vol. III, pág. 12.

O juramento que fêz D. Diogo da Silva, Marquês de Alemquer, em nome do monarca, foi êste :

«Eu, Dom Diogo da Silva, Marques de Alenquer, Duque de franca Villa, Viso Rey e Capitão geral destes Reinos e Senhorios de Portugal, em nome do muito Alto e m.^{to} poderoso senhor Rey Dom felippe, meu senhor, e por virtude da sua procuração, q̄ hora acabaste de ouvir, assinada de sua Real mão, juro e prometo que S. Mag.^{de}, com a graça de nosso senhor, vos regerá e governará bem e direito, e vos administrará inteiram.^{te} justiça quanto a humana fraqueza permite, e vos guardará vossos bons costumes, privilegios, graças, m.^{ces} (mercês), liberdades e franquesas que p.^{los} Reis passados, seus antecessores, vos forão dados, outorgados e confirmados» (1).

Depois de ouvido o *Te Deum*, onde, na sua descrição, nos deixou ficar o cura da Sé, o vice-rei e todo o acompanhamento saíram ao taboleiro da Sé, onde o alferes-mor soltou o *real, real, etc.* Em seguida montaram a cavalo, passaram sob o arco de Nossa Senhora da Consolação (porta do Ferro), desceram a rua da Padaria, voltaram para o Pelourinho Velho onde D. João de Meneses «disse outra voz, e outra a moeda (isto é à *Moeda*, no sítio da *Calcetaria*) e outra no Rocio desta cidade.» No regresso vieram pela rua dos Escudeiros, rua Nova, Pelourinho Velho, entrando por fim no Terreiro do Paço «aonde se deu a ultima voz». Ouviu-se então a artilharia do Castelo e das embarcações que estavam no Tejo (2).

* * *

«pario a Rainha de espanha molher de sua magestade felipe quarto hũa filha.» (3)

(1) *Idem*, fl. 3, *idem*, pág. 13, em nota.

(2) *Idem*, fl. 7 e seg., *idem*, pág. 11 e seg.

(3) *L.º VIII dos bap.* fl. 170 v.

Nota — Esta notícia encontra-se entre os assentos de baptismo de 2 e de 7 de Outubro de 1638 e refere-se ao nascimento, sucedido em 23 de Setembro, da Infanta Maria Tereza, depois rainha de França, pelo seu casamento com Luiz XIV.

* * *

«Aos dezanove dias do mes de marso de 1642 annos nos pasos del Rei noso Sñr Crimarão ao prensipe Dom teodosio nosso sñr no qual se fes o seguinte o Sñr Dom Rodrigo da Cunha Arsebispo de Lisboa com sua crus alsada deante com muito acompanhamento de nobresa foi aos pasos de Sua Mag.^{de} aonde estava o prinsipe nosso sñr Dom teodosio de baixo de hum dusel Riquo e a casa (mui?) alcatifada e armada aonde o Sñr Arsebispo chegou e conforme ao mesal (missal) Romano pondose o Sñr prinsipe de juelhos avendose confessado prem.^{to} conforme ao dito missal o Crismou pondolhe nome dom teodosio sendo padrinho o Confessor (da) Rainha nossa Sñra frade de São fr.^{co} e levou os Santos olios o Sñr Bispo de targa deam da Capella o q̄ se fez perante sua mg.^{de} e a Rainha nossa Sñra». (1)

Nota — O príncipe D. Teodósio nasceu em Vila Viçosa no dia 8 de Fevereiro de 1634, contando portanto oito anos e meio ao tempo da sua crisma. Faleceu com pouco mais de 19 anos, ao meio dia e meia hora de 15 de Maio de 1653. Para a sua biografia veja-se principalmente *Vida do Príncipe D. Teodósio*, de João Baptista Domingues.

* * *

«Aos sete dias do mes de Junho de mil e seis centos quarenta e dous annos se modou sua mg.^{de} de Alhandra pera esta Cidade e se (apozentou?) nos pasos desta cidade». (2)

(1) *L.º VIII dos bap.*, fl. 25.

(2) *Idem*, fl. 29 v.

* * *

«Em seis dias do mez de Nov.º de mil seiscentos e cincoenta e seis annos das onze horas pera o meyo dia faleceo a Mag.^{de} del Rey nosso s.^{or} Dom Johão o 4.º deste nome, e foi a enterrar aos sete, pellas des horas da noite ao Mostr.º de São Vicente de fora, em deposito athe o levarem ao mostr.º de S.^{ta} Clara de Coimbra aonde manda q̄ seia a sua sepultura pera sempre e governou este Reino quinze annos e onze mezes». (1)

* * *

«Em Domingo 12 de setembro de 1683 das onze horas pera o meyo dia faleseo nos Paços de Cintra el Rei Dom Afonso o sexto de hum accidente de apoplexia tendo a idade de quarenta annos e vinte e três dias: ao sabado desoito de setembro veyo a sepultar ao Convento de Bellem; quebrai-se (quebraram-se) os escudos a segunda feira vinte de setembro, ouve missa na See a que aestio o Senado e o Cabido e a disse o Conego Gaspar M^z Pacheco, aos Capitulares se deo cera igual a dos Vereadores». (2)

Nota — Os seus restos mortais foram trasladados em 1855 do convento de Belém para S. Vicente de Fora.

* * *

«Em 27 de dez.^{bro} 683 do meyo dia p.^a a huma hora faleseo em palhavam na quinta do Conde de Sarzedas a Rainha Dona Maria Francisca Isabel de Saboya; aos 28 foi a sepultar ao convento das Capuchas Francesas». (3)

(1) L.º VII dos obitos, fl. 103 v

(2) L.º VIII dos óbitos, fl. 45 v

(3) *Idem*, fl. 47.

Nota — Tendo-se julgado nulo o casamento de D. Maria Francisca Isabel, filha de Carlos Amadeu de Saboia, duque de Neumurs, com D. Afonso VI, casou-se aquela senhora em segundas núpcias, no dia 2 de Abril de 1668 com o Príncipe regente e seu cunhado D. Pedro, depois 2.º rei dêste nome. O convento de capuchinhas francesas do Santo Crucifixo, onde mandou que a sepultassem, foi por ela fundado, assim como também mandou fazer em Lisboa, a capela de S. Francisco de Sales na igreja dos padres do Oratório e a capela da Conceição no noviciado da Cotovia dos padres da Companhia de Jesus.

O palácio do Conde de Sarzedas onde faleceu, foi mandado edificar pelo 2.º conde daquele título, D. Luiz da Silveira, que teve, assim como seu filho D. Rodrigo que lhe sucedeu, a estima e a protecção de D. Pedro II. «E tão válidos eram na côrte que o Rei foi pedir hospedagem» ao seu palácio, durante a prolongada doença da sua primeira mulher.

Sobre êste assunto, diz o notável orador sacro, que todos ainda conhecemos, dr. Santos Farinha :

«Temos o Palácio de Palhavã transformado em Paço Real. Em câmara adrede escolhida estava prostada a Rainha, que piorava de dia para dia. O estado da Augusta Enferma já não iludia ninguém. A côrte corria pressurosa em busca de notícias, e todos voltavam convencidos de que só um milagre podia salvar a Rainha. Voltam-se as atenções para o Céu, pois da terra nada poderiam esperar ; de nada lhe valera a mudança de ares.

Numa tarde triste e fria de Dezembro, coches, berlindas e liteiras coalhavam a estrada e o pátio adjacente do Palácio. Na escadaria acotovelavam-se os religiosos de várias ordens, os oficiais-mores, os gentis-homens e os grandes títulos subiam e desciam apressadamente. Esperavam qualquer cousa. A um sinal do porteiro da cana descem a escada os capelães, os camaristas e damas com tochas ; um coche acaba de chegar, e dêle se apeia, grave, taciturno, um cônego regrante, arrastando a loba branca, sôbre a qual alvejava a sobrepeliz, ostentando a murça canonical, acompanhado de dois fâmulos ; nas suas mãos trémulas a imagem da Virgem do Pilar, então de muita devoção nesta cidade, graças ao incansável zêlo do capelão da mesma, que era o douto frade vicentino D. Leonardo de S. José, que ali ia a instâncias da mori-

bunda, ficando a imagem na Câmara da Rainha até ao dia 27 de Dezembro de 1683, em que entregou a alma a Deus». (1)

O já citado D. Luiz da Silveira, 2.º Conde de Sarzedas, e ao tempo proprietário do palácio, foi aquele «C.^{de} de Sarzedas velho que também se sepultou antes de o sepultarem» no dizer de José Soares da Silva (2), e isto, por êle ter caído num dia do mês de Abril de 1706, «inadvertidam.^{te} em hum carneiro q̄ estava aberto na Igr.^a de S.^{ta} Justa, de onde o tirarão gravem.^{te} ferido e maltratado» do que lhe resultou a morte.

O palácio de Palhavã, por morte da 4.^a condessa de Sarzedas passou para a casa dos Marqueses de Lourical, que o arrendaram aos Infantes D. António, D. Gaspar e D. José, filhos bastardos de D. João V, conhecidos na História pelos *Meninos de Palhavã*. Por compra pertenceu depois aos Condes de Azambuja e desde 1918 ao govêrno de Espanha que ali instalou a sua embaixada. (3)

* * *

«Aos dous dias do mes de Agosto de mil setecentos e vinte e outo anos na cidade de Lisboa occidental e Pallacio Real das seis para as sette horas da tarde faleceo de bexigas o Serenissimo Senhor Infante Dom Alexandre de idade de quatro annos des meses e nove dias e foi seu corpo levado para a Igreja de São Vicente de Fora na qual em o dia seguinte concorrendo toda a nobreza e todo o clero Secular e Regular destas cidades se fiserão as exequias que a Igreja ordena, assistindo com os paramentos Ponteficais e disendo as orações o Illustrissimo Dom Pedro de Meneses Conego da Santa Igreja Patriarcal, e feita a entrega do corpo na forma costumada ao Prior do dito Mosteyro por

(1) *O Palácio de Palhavã*, pág. 44.

(2) *Gazeta em forma de carta*, 17 de Abril de 1706.

(3) Para a história dêste palácio, além da citada monografia do dr. Santos Farinha, veja-se *Hist. Genealog.*, vol. V, pág. 259 e seq., *Corog. Port.*, vol. II, pág. 277 e vol. III, pág. 300, *Mapa de Port.*, vol. III, pág. 256, *Palácios e Solares Portugueses*, de Matos Sequeira, pág. 17, *Estética cidadina*, de Ribeiro Cristino, pág. 196 e *Arq. Pitoresco*, vol. VI, pág. 81, artigo de J. Vilhena Barbosa.

D. Luiz Balthazar da Sylveira vedor da casa da Rainha Nossa Senhora que serviu de mordomo mór por ausencia do Marquez da Fronteira em presença do Secretário de Estado Diogo de Mendonça Corte Real foy collocado o caixão pello Duque do Cadaval e pelos marquezes de Alegrete, de Angeja, de Cascais e de Vallensa e pelo Conde de Assumar no lugar que lhe estava prevenido junto ao dos s.^{ts} Principes Dom José e Dom Pedro aonde ficou por deposito de que fis este assento para memoria dos tempos Venturos que assignei». (1)

Nota — Êste assento, é, sem tirar nem pôr, a noticia que vem estampada na *Gazeta de Lisboa* do 5 de Agôsto.

O Infante D. Alexandre foi o sexto e último filho de D. João V e de D. Mariana de Áustria e nascera a 24 de Setembro de 1725, às 5 horas da manhã. Nesse mesmo dia, no igreja Patriarcal, celebrou-se uma missa em acção de graças pelo feliz parto da rainha, cantando-se em seguida um *Te Deum*, actos que tiveram a assistência do Rei, dos Infantes D. Francisco e D. António, da Côrte, dos Tribunais, etc. À noite houve luminárias em tôda a cidade.

Em 22 de Julho de 1728, verificou-se que o Infante estava atacado de bexigas, parecendo no entanto, que eram benignas. Sangraram-no quatro vezes e oito dias depois parecia estar melhor. Porém, começando em seguida a piorar, faleceu, conforme diz o assento transcrito, no dia 2 de Agôsto. (2)

* * *

«Aos quatro dias do mes de Abril de mil e setecentos e trinta e seis annos nesta cidade de Lisboa oriental e Igreja do Real Mosteyro de São Vicente de Fora se depositou o Corpo do Senhor Infante Dom Carlos filho del Rey Dom João 5.^o que Deos guarde e da Senhora Raynha, o qual tinha fallecido na madrugada de vinte e nove de Marso proximo passado no Paço com todos os Sacramentos depois de alguns

(1) *L.º XI dos óbitos*, fl. 13 v.

(2) *Gazeta*, de 1 de Outubro de 1725 e de 29 de Julho de 1728 e *Elementos*, etc, vol. XII pág. 2 e seg. e 158.

dias de doente de huma febre que lhe tinha causado dilatadas queixas que padeceo na idade de dezenove annos dez meses e vinte e sete dias, sendo Principe adornado de todas as virtudes e qualidades Reais, havia nascido a dois dias do mes de Mayo de mil e setecentos e desesseis, foy acompanhado de todas as Relligiões Parochos e Clerigos de todas as freguesias dipois de ser por elles encomendado no dito Paço de donde athe São Vicente se guarnecerão (?) armas de Soldadesca diante da qual estavam os ditos Religiozos e clero sendo levado o Corpo em hum caixão magestosamente ornado . . . de veludo preto em hū Colche dentro de . . . e com quarenta tochas que levavão tantos criados e tendo todo o clero e Religiozos tambem tochas . . . acezas.» (1)

Nota — O páraço António Nunes Pardal, que subscreveu êste assento, enganou-se na data do falecimento do Infante. Não foi na madrugada de 29, foi na de 30.

A morte dêste filho de D. João V, deu ensejo a que êste acabasse com o costume que os eclesiásticos tinham «de usar a côr vermelha quando iam aos funerais.» (2)

* * *

«Aos dezaseis dias do mes de Julho de mil setecentos e trinta e seis annos nesta Cidade de Lisboa oriental e Real Igreja do convento São Vicente de Fora se deu sepultura pella huma para as duas horas da madrugada do dia seguinte dessasete do mesmo mes ou para dizer melhor se depositou o Corpo da Senhora Infanta D. Francisca Irmã del Rey nosso senhor que Deos guarde de idade de trinta e sete annos cinco mezes e dessesete dias por haver nascido em trinta de Janeiro de mil seis centos e noventa e nove annos, a qual tinha fallecido com todos os Sacramentos dispois de huma doença de poucos dias, mas muito resig-dada nas disposições divinas no Domingo quinse do dito mes no seu

(1) *L. XII dos óbitos*, fl. 2.

(2) Veja-se *Elementos, etc.*, vol. IX, pág. 127 e 133 e vol. XIII, pág. 176, *Mapa de Port.*, vol. I, pág. 259 e *Gazeta de Lisboa*, de 9 de Maio de 1716 e de 5 e 19 de Abril de 1736

quarto do Passo Real entre as duas e as tres horas da tarde. Era filha unica do senhor Rey Dom Pedro Segundo de glorioza memoria e da Senhora Raynha». (1).

Nota — Êste assento foi copiado pelo pároco António Nunes da noticia publicada na *Gazeta* de 19 de Julho de 1756.

Por caria do secretário de estado Pedro da Mota e Silva, de 15 de Julho, dirigida ao escrivão do Senado da Câmara de Lisboa, além de se ordenar a suspensão do despacho dos tribunais pelo espaço de três dias, como em tais casos era da praxe, determinava-se que servisse «o mesmo luto que se tomou pela morte do sr. infante D. Carlos». (2)

* * *

«Aos vinte e um dias do mês de Novembro de mil setecentos e trinta e seis anos nesta Cidade de Lisboa occidental e Santa Igreja Patriarcal de tarde baptisou com a Solemnidade costumada o Illustrissimo Reverendissimo Senhor Patriarca a Serenissima Senhora Infanta Dona Maria Anna Francisca Josepha Antónia Gertrudes Ritta Joanna levando a Sua Alteza nos braços Dom Carlos Bento de Meneses e Tavora Vedor de Somana da Casa da Senhora Princesa que nesta função fes officio de Mordomo mor da mesma Senhora: foy Padrinho El Rey Catholico assistindo em seu nome o senhor Infante Dom Pedro e Madrinhã a Raynha Nossa Senhora, Levou a vela o Duque Estribeyro mor a veste candida o Duque de Lafois e o massapão o Marques das Minas e acabado o acto se Cantou o Te Deum laudamus tudo na presença de Suas Magestades que Deus guarde Altesas nobresa e Povo. Tendo nascido a dita Serenissima Senhora aos sete dias do mes de Outubro proximo passado deste anno de mil e setecentos e trinta e seis, em que a Igreja festejava Nossa Senhora com a evocação do seu Santissimo Rosário.» (3)

(1) *L. XII dos óbitos*, fl. 7.

(2) *L.º XI de cons. e decr. de D. João V*, do Senado occidental, fl. 66, em *Elementos, etc.*, vol XIII, pág. 193.

(3) *L.º XV dos bap.*, fl. 50 v.

Nota — Como demonstração de regosijo, na noite dêsse dia, houve luminárias em tôda a cidade e nos barcos surtos no Tejo. No dia seguinte, a rainha D. Mariana de Austria e sua nora D. Mariana Vitória mulher do Príncipe D. José depois rei, avó e mãe da infanta baptizada, levaram esta à igreja de S. Roque e ofereceram-na a S. Francisco Xavier. (1)

* * *

«Aos tres dias do mes de Agosto de mil setecentos e sincoenta annos se deu sepultura no Convento de São Vicente de fora extra muros desta Cidade ao Corpo do Senhor Rey Dom João quinto o qual tinha falecido em trinta e hum de Julho do dito anno no seu Palacio do Terreiro do Paço desta cidade e falleceo com todos os Sacramentos». (2)

Nota — Foi no dia 10 de Maio de 1742 que D. João V sofreu um violento ataque de paralisia que lhe tomou o seu lado esquerdo e que nunca mais o deixou recuperar a saúde que até então gozava, a-pesar-de ter ingerido todos os medicamentos que os físicos da real câmara e os especialistas consultados julgaram eficientes para debelar o mal.

Em 11 de Julho de 1750 recebeu o Viático, em 29, às onze horas da noite foi-lhe dada a Extrema Unção pelo Cardeal Patriarca e às sete horas e cinco minutos do dia 30 faleceu no seu palácio da Ribeira.

No dia seguinte, sábado, foi o seu corpo embalsemado e em seguida exposto na mesma cama em que falecera. Envolvia-o o manto do grão-mestrado das ordens militares, sob o qual tinha vestido o hábito de S. Francisco.

Na noite de Domingo foi conduzido para outra sala da parte nova do palácio «junto á santa igreja de Lisboa que então era onde hoje é o Pelourinho», e onde, na segunda-feira pela manhã, o Cardeal Patriarca disse o officio do corpo presente. Já noite, o rei D. José e os Infantes entraram na câmara ardente e lançaram água benta sôbre o corpo, depois do que, começou o saimento.

(1) *Gazeta*, de 29 de Novembro de 1736.

(2) *L.º XII dos óbitos*, fl. 139.

Foi esta a ordem por que se formou o préstito :

Abriam-no os seis porteiros da cana do número e logo atrás os dois corregedores do crime da côrte, a que se seguiam todos os titulares e fidalgos que desempenhavam cargos na casa real. Depois vinha a alta nobreza, em seguida os presidentes dos tribunais, o duque regedor das justiças com o seu bastão e logo após os cantores, capelães, beneficiados e cônegos da Bazilica Patriarcal, todos a cavalo e psalmeando.

Vinha então também a cavalo o Marquês de Gouveia, mordomo-mor, que levava a chave do caixão, transportado logo atrás num coche rodeado por moços da câmara com tochas acesas. Seguiam-se o Marquês de Marialva, estribeiro-mor, e D. Manuel de Sousa, capitão da Guarda Alemã; no couce, o coche de Estado coberto de luto, ladeado por soldados da citada guarda.

Na capela própria do convento de S. Vicente de Fora, ficou o corpo depositado no primeiro lugar da parte do Evangelho.

A quebra dos escudos efectuou-se no dia 8 de Agôsto, tendo saído o cortejo da casa da Câmara, no Rossio, descido à rua Nova, subido depois ao largo da Sé e daqui recolhido à igreja patriarcal, onde se cantou uma missa de *requiem* por alma do rei falecido.

O luto que primeiramente foi determinado consistia na obrigação de se trazer durante o primeiro ano uma capa comprida, mas as pessoas pobres que não pudessem trazê-la, deveriam, ao menos, pôr um sinal de luto, o qual seria para os homens uma gorra e para as mulheres «uma toalha sem ser encrespada». Esta disposição foi depois alterada, desconhecendo-se porém quais tivessem sido as alterações (1).

* * *

E basta por agora. De outros registos e notícias que ainda há nos livros paroquiais da Sé e que justamente reclamam a sua publicidade, se fará menção em outros trabalhos que temos entre mãos.

(1) *Gazeta*, de 11 e 13 de Agôsto de 1750 e *Elementos, etc.*, vol. XV, pág. 160 e seg.

RECANTOS DE LISBOA

« POESIA LÍRICA » CLASSIFICADA NOS
JOGOS FLORAIS DA PRIMAVERA DE 1939

(INICIATIVA DA EMISSORA NACIONAL)

Recantos de Lisboa, humildes e garridos,
becos sem ter saída, escadas em pendor;
travessas de estreiteza e prédios aluídos
onde destacam mais malva-rosas em flor.

O' roupa remendada, a ondular à brisa:
humílima visão de bizarras bandeiras.
Mansardas que um craveiro ardente aromatiza
e onde dormem, sonhando, as pobres costureiras!

Recantos de Lisboa, onde há gente que vive
do parco amealhar da féria, dia a dia;
em um dos quais morreu um grande Amor que tive!
(Só na morte fugiu do beco onde vivia...)

E na sua varanda, agora que a deixou,
contínuam em fila os vasinhos festeiros...
Mas a sua roupita é que não mais voltou
a tremular ao sol por cima dos craveiros!

RODRIGO DE MELLO

LISBOA PEQUENINA

— Não és, em tudo, grande — e ainda bem, Lisboa!
Não tens só magestade, ó Terra das Colinas.
É pobrezinha Alfama. Humilde, a Madragoa.
Alcântara trabalha. E o Rio Tejo entoa
as Cantigas das Naus — em vozes de varinas ...

Rodam no teu asfalto os carros dos Senhores;
mas pisam-no também ardinias e fadistas ...
Na rútila avenida — há baços dissabores;
na sombra duma viela, há telas de mil côres!
E, ao pé daquela estátua, há pombas e floristas ...

Não és, em tudo, grande — e dá graças a Deus
por manteres ainda aspectos populares.
Ermida e Catedral: de Ambas se fala aos Céus
Acorde dum clarim — e trilo dum Adeus ...
Raminho de alecrim — e incenso dos Altares.

Até na Mouraria — a fatalista e nua —
se lembra a primavera, em árvores e vidas!
Sôbre o Largo da Rosa, a lembrança flutua ...
Que Amendoeira estranha embelezou a Rua?!
Quem era o Bemfornoso — amado das perdidas? . . .

— Segredos que só tu, Lisboa Pequenina,
consentes em contar a quem te queira bem:
ao poeta sem lar que cruza aquela esquina;
ao cego cantador que toca concertina
e, sem ter olhos, chora — e vê como ninguém...

À pequenita pobre, à tal costureirinha
que, sem ter pai nem mãe, é filha da Cidade.
A ciganita audaz que as sinas adivinha
— e só não reparou que a sina a espezinha;
— e só não reparou na própria mocidade...

Ao Cego e ao Poeta, ensinas coisas tristes
(Colmeia que tu és, de fel em alguns favos...)
Dizes contos de Fada à ciganinha... Insistes
em ver alegre a Outra! E, entre canções e chistes,
dás-Lhe para a trapeira os mais bonitos cravos!

E a Costureira, o Cego, a Cigana, o Poeta,
— enquanto quem é rico abala por vontade —
não te deixam, Lisboa!

(A saúde é uma seta
que foi envenenada em sucos de violeta
numa rua bem pobre: a Rua da Saúde...)

RODRIGO DE MELLO

(Do livro inédito «CÍRIOS»)

AMIGOS DE LISBOA

LISTA DOS SÓCIOS ULTIMAMENTE APROVADOS

- 847 — Ilídio Augusto de Andrade, funcionário público
- 848 — António José Fernandes, comerciante
- 849 — Augusto Bagorra, oficial de artilharia
- 850 — Júlio de Almeida, empregado de escritório
- 851 — José Luiz Bonito, empregado no comércio
- 852 — Fernando dos Santos Soeiro, empregado no comércio
- 853 — Manuel Luiz Costa, funcionário público
- 854 — José Monteiro Ramos, funcionário público
- 855 — Noel Arega Fainha, empregado no comércio
- 856 — Manuel Assunção, médico
- 857 — Gustavo d'Aquino Santos Fernandes, funcionário público
- 858 — Júlio dos Santos, empregado de escritório
- 859 — José Policarpo Mendes Dias, oficial do exército
- 860 — António de Wenceslau de Barros Júnior, funcionário público
- 861 — Joaquim António Teixeira, proprietário
- 862 — Joaquim Gomes dos Santos, proprietário
- 863 — Vasco Ferreira Martins, funcionário público
- 864 — Carlos Viegas Gago Coutinho, Almirante
- 865 — António David, empregado comercial
- 866 — Visconde de Almeida Garrett, engenheiro civil
- 867 — António da Costa Ivo, proprietário
- 868 — Henrique Campos Ferreira, despachante
- 869 — José da Costa Lima, tipografo da C. M. L.
- 870 — Manuel Alves Bastos Botelho da Costa, engenheiro civil
- 871 — D. Fernanda de Almeida, empregada de escritório
- 872 — Manuel Antunes Cabral, alfaiate
- 873 — D. Segismundo de Castelo Branco, Oficial do Exército
- 874 — Francisco Teles Meneses Almeida Fernandes, funcionário público
- 875 — Ernesto José Gomes, contramestre de alfaiate
- 876 — Mário Lopes de Moraes, comerciante
- 877 — Adalberto Madureira, industrial
- 878 — José Carlos de Sousa Mello, guarda livros
- 879 — Francisco Machado Vieira, funcionário público
- 880 — Inocêncio Castelhana, guarda livros
- 881 — Augusto Viana de Moraes, chefe da repartição dos serviços da C. P.

- 882 — António de Mantero, doutor em Ciências Sociais
 883 — José António Augusto de Sousa, empregado comercial
 884 — João Antunes Leal, médico
 885 — Dr. Joaquim Pedro Rebelo Arnaud, proprietário
 886 — António Eduardo de Carvalho Aguiar
 887 — Luiz Solano Mendonça Oliveira, empregado comercial
 888 — Francisco de Assis Vidigal da Costa Cascais, escriturário
 889 — António Francisco Coelho de Mascarenhas, empregado de escritório
 890 — João Xavier Morato, empregado de escritório
 891 — Fernando Machado de Sant'Ana, linotipista
 892 — Joaquim Silvério Marques, funcionário público
 893 — Guilherme Gardim, industrial proprietário
 894 — Armando Gomes da Cunha, empregado de escritório
 895 — Alvaro Coelho de Sousa, comerciante
 896 — Fernando Lima, empregado no comércio
 897 — António Cristino da Silva, funcionário público
 898 — Conde de Almada
 899 — Jorge de Melo, (conde de Murça)
 900 — Fausto de Sampayo, proprietário
 901 — Manuel Henriques Sêco, farmacêutico
 902 — António Correia Madeira, médico veterinário
 903 — D. Maria Amélia Rodrigues Couceiro da Costa, estudante
 904 — António Pereira, despachante oficial, Alfândega de Lisboa
 905 — D. Maria da Purificação Cannas e Silva, doméstica
 906 — João Nunes de Oliveira, empregado bancário
 907 — João Hermano Baptista, proprietário
 908 — Dr. Augusto de Castro, director do Diário de Notícias
 909 — Henry Dumont Nesbitt, oficial do Exército
 910 — Ludovico de Menezes, médico veterinário
 911 — D. Salvador Vaz d'Almada, proprietário
 912 — Jorge da Fonseca Jorge, estudante
 913 — António Branco Cabral, engenheiro civil
 914 — Camille André Delest, delegado da casa Michelin
 915 — Carlos Augusto Coelho, industrial
 916 — Portela Júnior
 917 — Hermegildo Carlos de Sousa, comerciante
 918 — Coronel Artur Lobo da Costa, Governador Civil
 919 — Manuel Duarte de Sousa Moraes, empregado de escritório
 920 — Léon Dulbolbe, comerciante
 921 — José Mayer, comerciante
 922 — D. Camilla Virginia de Castro Ribeiro, proprietária
 923 — Carlos Simões, empregado no comércio
 924 — António Coelho d'Eça Castel' Branco, contabilista

- 925 — Luiz de Machado Pinto, Director Geral de Assistência, aposentado
 926 — João da Silva Osório, funcionario público
 927 — Fernando Manuel, Director da Oficina Nacional da Pintura Antiga
 928 — D. Mercês de Almeida Perestrelo, doméstica
 929 — José Soares Canelas, comerciante
 930 — D. Fernanda Reis, jornalista
 931 — Eduardo Brazão, advogado
 932 — Frederico de Freitas
 933 — Comandante Fernando Branco, Capitão de Mar e Guerra
 934 — Alvaro Afonso dos Santos, oficial do Exército
 935 — Alberto Mira Mendes, funcionario público
 936 — Leopoldo Neves de Almeida, escultor professor das Belas Artes
 937 — Augusto de Lima Júnior, delegado do Brasil às Comemorações Centenárias
 938 — Fertuliano de Lacerda Marques, architecto
 939 — Pestana de Vasconcelos, Coronel
 940 — Leonel Nunes, funcionario público
 941 — António Luiz Tadeu, oficial do Exército, Artilharia
 942 — Artur de Sousa Palma, comerciante
 943 — Domingos A. Cornélio da Silva, notário
 944 — João Lopes Ramires Reis, notário aposentado
 945 — Joaquim Júlio Pereira, chefe do expediente da Comp. de Seguros Fidelidade
 946 — Edgar José da Silva, empregado no comércio
 947 — Jaime da Conceição Lopes, funcionario público
 948 — Carlos Pereira Ramilo, empregado de escritório
 949 — Elias Bénard Guedes, empregado bancário
 950 — Augusto da Costa, escritor
 951 — José Moreira da Fonseca, oficial da armada
 952 — Acácio Pereira Magro, industrial
 953 — Duarte Pereira da Cunha, guarda livros
 954 — Francisco Gonçalves, funcionario público
 955 — Guilherme Felgueiras, professor
 956 — Vasco Santana, actor dramático
 957 — Artur Augusto de Oliveira, empregado no comércio
 958 — Dr. Mário Karl de Alvoenga, engenheiro agrônomo
 959 — João Peres Montenegro, professor do ensino liceal
 960 — Carlos dos Santos, funcionario aposentado
 961 — Américo de Freitas da Motta Marques, empregado de escritório
 962 — Fernando Virgílio de Azevedo Barros, empregado de escritório
 963 — José de Freitas da Motta Marques, funcionario público
 964 — Arnaldo Malhoa Migueis, empregado bancário
 965 — José Pereira dos Santos Júnior, comerciante
 966 — Eduardo Veiga Ferreira, oficial do Exército
 967 — Vasco Soares da Veiga, comerciante

- 968 — Augusto da Silva Carvalho Osório, proprietário
 969 — José Wenceslau Palhinha Gomes, empregado bancário
 970 — José Lucílio Leite de Araújo, proprietário
 971 — Conde de Avintes, advogado
 972 — Joaquim Augusto Pascoal Rodrigues, funcionário público
 973 — António José Teixeira da Costa Montenegro, funcionário superior do Banco
 Lisboa e Açores
 974 — Fernando da Cunha, empregado no comércio
 975 — José Lobo de Vasconcelos, engenheiro
 976 — Francisco Xavier Cabral Lobo de Vasconcelos, engenheiro agrónomo
 977 — António Azevedo Corsino Caldeira, proprietário
 978 — José de Lemos Dias de Sousa, empregado bancário
 979 — Raul Joyce Fuschini, fiel do montepio geral
 980 — Fernando Manuel de Sousa, médico cirurgião
 981 — D. Elisa Simões, empregada no comércio
 982 — José Frazão Pereira, funcionário público
 983 — L. Forcado, advogado espanhol
 984 — Bernardino Cartolano, cirurgião dentista
 985 — Jorge da Silva Pombeiro, despachante
 986 — Victor Bueno Tórres, administrador do Banco Fonseca Santos e Viana
 987 — Francisco Xavier dos Santos Silva, proprietário
 988 — Henrique Moreira, comerciante
 989 — Oscar Moreira, comerciante
 990 — Júlio Alberto Serzedelo de Almeida, engenheiro
 991 — D. Beatriz da Conceição Cayola da Motta, doméstica
 992 — Eduardo Dumont Nesbitt, electrotecnico
 993 — José Rodrigues
 994 — Mário Augusto Cardoso Freire, comerciante
 995 — Dr. Alberto de Monsaraz, jornalista
 996 — Izidro José Sant'Ana, funcionário do estado
 997 — Carlos Soares Gomes, comerciante
 998 — Paulo Ferreira, comerciante
 999 — Olimpio Rodrigues Esteves, empregado de escritório
 1000 — Eduardo Portugal, fotografo
 1001 — D. Guilhermina Köke, funcionária do estado
 1002 — Alfredo de Lima Leal, contabilista
 1003 — António Parreira Cabral, médico
 1004 — Alexandre de Castilho, empregado da Comp. Shell
 1005 — D. Aurora Oliveira, dactilógrafa
 1006 — Manuel Dias Pires, comerciante
 1007 — Mademoiselle Georgette Rocher
 1008 — Aurora Serrão, funcionária pública
 1009 — António Baptista Guimarães, empregado bancário

- 1010 — Frederico Carlos de Sena Cardoso, comerciante
 1011 — Frederico Ayres, pintor de arte
 1012 — D. Joana Marques da Silva, doméstica
 1013 — José Dias Gonçalves, comerciante
 1014 — Manuel Boullosa, comerciante
 1015 — Rodrigo Victor Albuquerque e Mello, bacharel
 1016 — João Alberto Gariso, proprietário

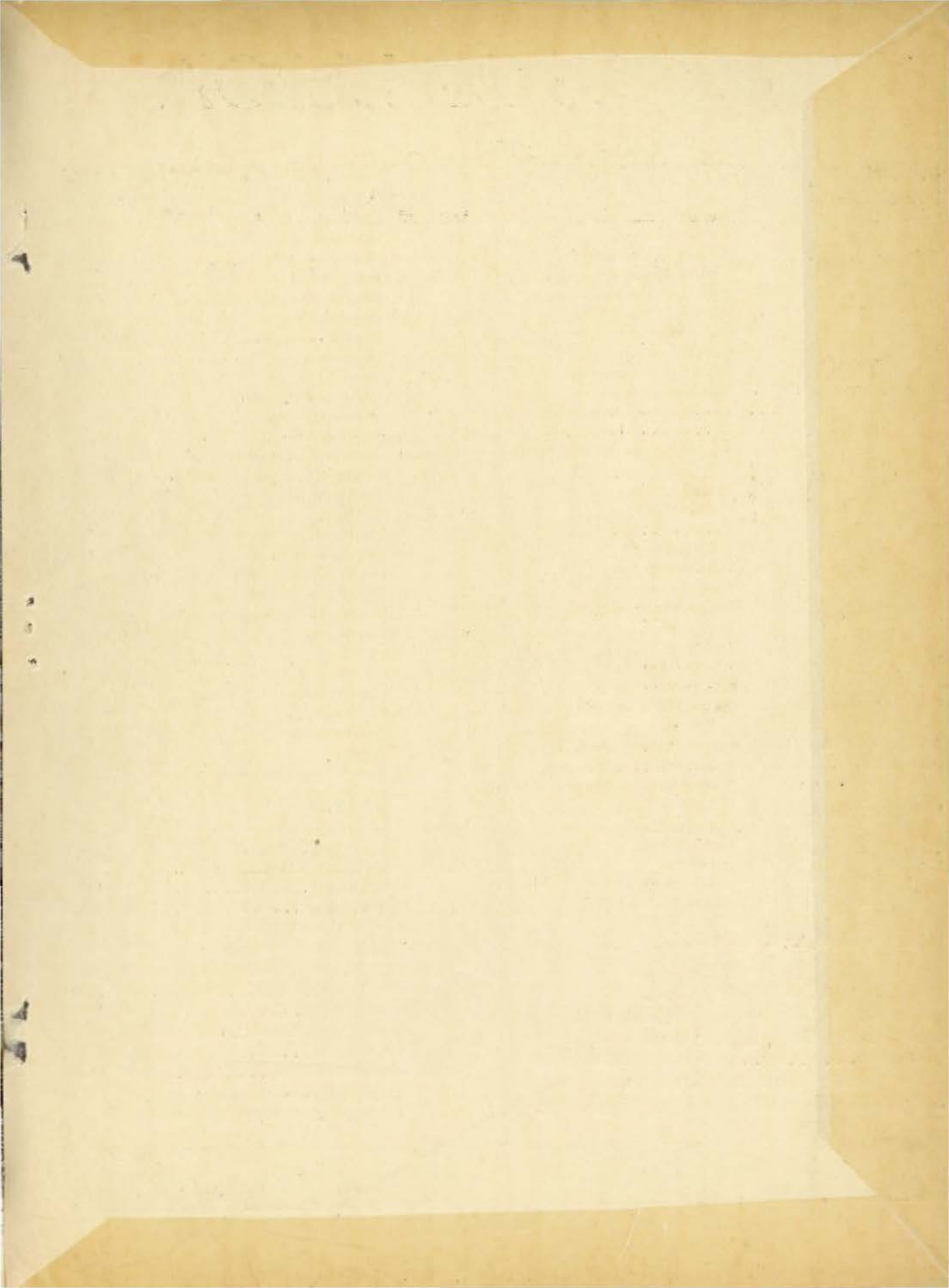
RESUMO, POR PROFISSÕES, DOS SOCIOS
 ULTIMAMENTE APROVADOS

Actor Dramático	1	Farmaceuticos	1
Advogados	4	Fotografos	1
Arquitectos	1	Funcionários públicos	23
Chefes de escritório	1	Guarda Livros	3
Comerciantes	19	Industriais	3
Contabilistas	2	Jornalistas	5
Dactilógrafos	1	Linotipistas	1
Despachantes officiais	3	Médicos	5
Diplomatas	2	Médicos veterinários	2
Empregados bancários	8	Mestres de alfaiates	2
Empregados no comércio	12	Notários	2
Empregados de escritório	14	Officiais do Exército	11
Egenheiros	8	Officiais da Marinha de Guerra	3
Escriturários	1	Pintores de arte	2
Escultores	1	Professores	2
Estudantes	2	Proprietários	13
Tipógrafos	1		

RESUMO GERAL, POR PROFISSÕES,
 DOS SÓCIOS ACTUAIS DO GRUPO

Advogados	46	Ajudantes de farmácia	1
Agentes comerciais	1	Arquitectos	13
Agentes de publicidade	2	Artistas teatrais	7
Agentes técnicos de engenharia	2	Aspirantes de Administrações	1
Ajudantes de Despachantes Officiaes	1	Banqueiros	3
		Bibliotecários	1

Capitalistas	2	Estudantes	20
Caricaturistas	1	Farmacêuticos	7
Chefes de escritório	2	Ferro-viários	1
Chefes de Laboratório	1	Fotografos	1
Chefes de polícia	1	Funcionários públicos	76
Chefes de Repartição	2	Guarda-livros	10
Chefes de Secretaria	1	Guardas de polícia	1
Comerciantes	115	Industriais	21
Condutores industriais	1	Inspectores	3
Condutores de Obras Públicas	1	Interpretes	3
Conservadores de bibliotecas	2	Jornalistas	33
Conservadores de museus	1	Juizes de Direito	2
Conservadores do Registo Pre- dial	1	Linotipistas	1
Constructores civis	3	Livreiros	1
Contabilistas	6	Mecânicos	3
Correctores officiais	1	Médicos	68
Dactilógrafos	2	Médicos veterinários	8
Desembargadores	1	Mestres de alfaiates	3
Desenhadores	1	Notários	6
Despachantes officiais	8	Officiais do Exército	51
Diplomaias	10	Officiais da Marinha de Guerra	15
Editores	2	Operários	2
Electricistas	1	Parocos	1
Empregados bancários	39	Perito de seguros	1
Empregados dos Caminhos de Ferro	4	Pintores de arte	12
Empregados no comércio	57	Professores	35
Empregados no escritório	50	Proprietários	68
Empregados na Indústria Hote- leira	1	Publicistas	10
Empregados de seguros	5	Realizadores cinematográficos	2
Engenheiros	79	Reporteres fotograficos	1
Escritores	3	Revisores tipográficos	1
Escriturários	1	Solicitadores	1
Escultores	5	Sub-directores de fábricas	1
		Técnicos fotograficos	1
		Tipógrafos	3
		Tradutores	1



AMIGOS DE LISBOA

Edições do Grupo, limitadas e algumas quasi esgotadas

Preço de venda para os sócios Preço de venda para o público

Noite de Evocação do Café Martinho (*esgotado*)
Noite de Evocação do Leão de Ouro 5\$00 7\$50

NORBERTO DE ARAÚJO

Pequena Monografia de S. Vicente.
Edição vulgar 6\$00 8\$00
Edição especial 12\$00 20\$00

Urbanização de Lisboa 2\$00 3\$00

LUIZ MOITA

Ermida de Santo Amaro 7\$50 9\$50

EDUARDO NEVES

Ruínas do Carmo 2\$00 3\$00
Igreja da Penha de França 2\$00 3\$00
A Faculdade de Medicina 4\$00 5\$00

MARIO DE SAMPAYO RIBEIRO

Igreja da Conceição Velha 2\$00 3\$00
A Igreja e o Convento da Graça 5\$00 7\$50

ANTÓNIO RIBEIRO DA SILVA E SOUSA
(SIDÓNIO MIGUEL)

A Igreja e o sítio de Santo Estêvão 4\$00 5\$00
Ronda e Silva de Lisboa Velha 8\$00 10\$00

LUIZ CHAVES

Lisboa no Folclore 4\$00 5\$00

RUY DE ANDRADE

Alfredo de Andrade e alguns problemas de *edificia* citadina 4\$00 5\$00

JOÃO PINTO DE CARVALHO
(TINOP)

Lisboa de Outrora, 1.º, 2.º e 3.º vols., cada 7\$00 8\$00

Olisipo. De 1 a 12. Cada número 5\$00 7\$50

HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA

Casas onde, em Lisboa, residiu Almeida Garrett 4\$00 5\$00

ALFREDO DA CUNHA

«Olisipo» Berço do Periodismo Português 4\$00 5\$00

Edições consignadas

Preço de venda para os sócios Preço de venda para o público

LUIZ PASTOR DE MACEDO

A Baixa Pombalina 6\$00 7\$50

A Rua das Canastras 6\$50 8\$50

Crítica, Correções e Aditamentos, à obra «Lisboa do meu tempo e do passado — do Rossio à Rotunda», do Sr. João Paulo Freire (Mario) 4\$00 6\$00

Notícias e registos curiosos extraídos dos livros paroquiais da freguesia da Sé. . . 6\$50 7\$50

MARIO DE SAMPAYO RIBEIRO

A Calçada da Ajuda.
Edição vulgar 6\$50 7\$50

Edição especial 13\$50 15\$00

NORBERTO DE ARAÚJO

Peregrinações em Lisboa, n.ºs 1 a 15, cada 7\$00 8\$00

JOSÉ PERRY DE SOUSA GOMES

Lisboa — da sua vida e da sua beleza . . . 7\$20 8\$00

J. S. VIEIRA

O Convento dos Marianos 4\$00 5\$00

FRANCISCO CANCIO

Aspectos de Lisboa no século XIX — fasc. 1 a XV, cada 6\$40 8\$00

Lisboa de outros Séculos — à Sombra dos Paços Reais, I a XII, cada 5\$00 5\$50

ALBERTO MEYRELLES

Lisboa Ocidental 8\$00 10\$00

CONDE DE ALMADA

Relação dos Feitos de D. Antão de Almada.
Edição vulgar 10\$80 12\$00

Edição especial 18\$00 20\$00

ROBERTO DIAS COSTA

A Paróquia de S. Jorge da cidade de Lisboa 7\$50 8\$50

ARQUITECTO PAULINO MONTEZ

A Estética de Lisboa 18\$00 20\$00

Lisboa-Alcântara / Alvito 13\$50 15\$00

CORONEL MIGUEL GARCIA

Pátria e Independência 3\$00 3\$50

Fundação da Nacionalidade 4\$00 5\$00

E todas as edições culturais da Câmara Municipal de Lisboa